

onde habitam os afetos?

Porto Alegre
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

Helena Campos Alibio

onde habitam os afetos?

Trabalho de Conclusão do Curso
de Bacharelado em Artes Visuais
apresentado à banca examinadora.
Orientador: Prof. Dr. Flávio Roberto
Gonçalves
Banca Examinadora:
Prof^a. Dra. Caudia Zanatta e Prof^a
Dra. Maristela Salvatori

Porto Alegre
2017

Aos meus afetos docentes, Flávio,
Cláudia, Maristela e Carusto.

Aos meus afetos familiares, Dulce,
Nelcy, Eliana, Wanderley, Aura,
Nádia, Derley, Henrique e Joaquim.

Aos meus afetos amistosos, Anelise,
João Alberto, Vanessa, Diane, Luana,
Adriana, Júlia, Sara, Ana Carla,
Francisco e Rafael.

Resumo: O presente trabalho parte dos significados de abrigo, acolhimento e proteção, dos quais relacionam-se com o arquétipo da "casa". Utilizam-se recursos literários como contos, compondo metáforas visuais para representar sensações, emoções e memórias afetivas, a fim de criar outros possíveis lugares de estar/sentir como uma brecha para um universo onírico, imaginado e intimista. A técnica mista foi escolhida a fim de envolver aspectos diversos sobre a materialidade das práticas utilizadas para compor as imagens e os objetos deste conjunto, entre elas há a técnica de aquarela, bordado, desenho, colagem, gravura em metal, cerâmica e escultura. A pesquisa traz reflexões sobre estudos dos conceitos de "construir", "habitar" e "pensar" tratados pelo filósofo alemão Martin Heidegger aliados do pensamento sobre os lugares e objetos da "poética do espaço" pelo filósofo francês Gaston Bachelard. Nas Artes Visuais o trabalho da artista e pesquisadora Helene Sacco e o artista Antônio Dias aparecem como fortes influências poéticas.

Palavras-chave: afetos, artes, casa, habitar, memória, poética.

Sumário

<i>Bata na porta antes de entrar</i>	<i>11</i>
<i>contos sobre o escuro</i>	<i>19</i>
<i>contos sobre as sementes</i>	<i>29</i>
<i>contos sobre o céu</i>	<i>45</i>
<i>Sentir em si a casa</i>	<i>61</i>
<i>Referências</i>	<i>65</i>



"A gente não gostava de explicar
as imagens porque explicar
afasta as falas da imaginação"

Manoel de Barros. 2010.

Bata na Porta antes de Entrar



Quando vou visitar pessoas em suas moradias, costumo reparar em como elas decoram a porta de entrada. Cada residência possui uma característica única. Algumas pessoas colocam placas ou guirlandas decorativas com mensagens de boas vindas, outras completam com um capacho de porta, algumas não colocam nada e outras optam um ou outro adereço. Nem todas as casas possuem portas ou janelas. O que a palavra "casa" pode significar pra cada um?

Traduzindo em sensações as palavras "acolhimento" e "proteção" formam um dos principais temas deste trabalho. As imagens e objetos que apresento moldam-se a partir de recordações de memórias significativas, que aliados a fragmentos do cotidiano compõem uma narrativa visual onírica. Nos últimos anos percebi que os elementos da casa, tais como a janela, a porta, os utensílios de cozinha, cadeiras entre outros artefactos que ajudam a narrar as histórias inventadas ou simplesmente recontar uma mesma história de um novo ponto

de vista. Cada um desses objetos se torna uma espécie de artefacto. Não trata-se de fechar as imagens em um compartimento e sim expandir seus limites, como uma potência do ilimitado. As metáforas surgem como um recurso para aproximar de algumas sensações e emoções que compõem o conjunto de elementos formais do trabalho.

Pensar em imagens que narrassem minha relação de afetividade com pessoas e objetos foi um desejo demonstrado desde o ano de 2016, quando entrei novamente para a faculdade a fim de cursar o bacharelado em Artes Visuais. Percebi que em meus trabalhos continham influências que mesclavam o desenho técnico e o desenho artístico. Nelas transcorrem uma narrativa muito intensa de memórias. Seja em formato de texto ou da própria composição da imagem, estabeleço uma afinidade com as pessoas que são do meu afeto e que se tornam parte da minha construção de casa - lar.

Divido esse trabalho em três capítulos, dos quais se intercalam e trazem os sentidos essenciais da ideia de habitar, pertencimento e autoconhecimento: o primeiro capítulo, "contos

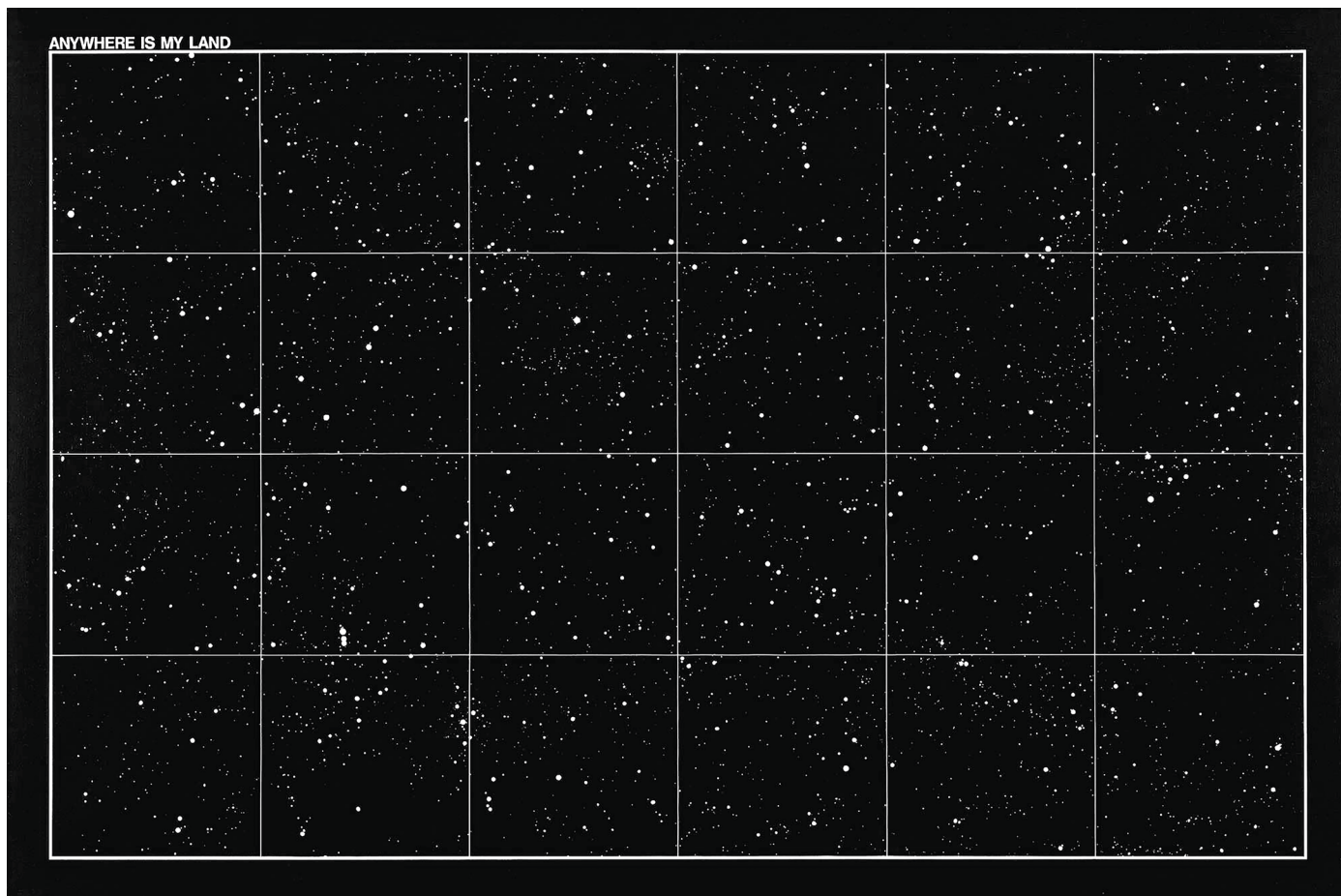
sobre o escuro", em que parto do princípio da "casa" como um espaço fortificado, construído para suportar as intempéries do tempo, um refúgio dos medos que desestabilizam a razão. No segundo capítulo, "contos sobre as sementes", ainda dentro da casa, há um olhar para as relações internas em comunhão, em que ora sintoniza as emoções ora desestabiliza o chão. No terceiro capítulo, "contos sobre o céu" a casa dissolve-se em conceitos mais abrangentes e seu significado, relacionando-a com os quatro elementos fundamentais (fogo, terra, água e ar), afim de compor uma série elementar que compreendem um sentido de "estar no mundo", o sentido da casa volta-se para si.

"Se poder olhar, vê. Se poder ver, repara".
José Saramago, Ensaio sobre a Cegueira. 1995

Desde cedo captei o mundo ao meu redor com todos meus sentidos, não somente pela visão. E quando se refere ao sentido da visão, há uma diferenciação entre o "ver" e o "olhar", que com a conturbada rotina do cotidiano, o exercício de "olhar" - observar atentamente, contemplar - torna-se cada vez mais raro. Seja pelo tempo muito corrido, pelas diversas tarefas a serem cumpridas em um curto período, a ação de "ver" se torna uma condição diária que possibilita o imediatismo. Ambos se completam, mas quando se trata de "olhar", há uma exploração mais filosófica do mundo das imagens. Podemos reconstruir um objeto, uma paisagem a partir de memórias, e associarmos ao nosso repertório pessoal. Somos ensinados que ao caminhar, olha-se para frente. Talvez

seja por minha natureza distraída, "fora da casinha", que desvio meu olhar para baixo ou para cima ao caminhar. Esses contrapontos me permitem resgatar alguma relíquia perdida pelo caminho ou contemplar a paisagem celeste que se enquadra pelas construções urbanas, aproximando-me a tal ponto de uma interação íntima com o espaço. São os pequenos detalhes do cotidiano que, para muitos, passam despercebidos e aliados a fragmentos da minha memória, compõem as "coisas" do meu imaginário.

Gaston Bachelard, em seu livro Poéticas do Espaço, relata que "todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa". Ela é a representação do nosso primeiro universo, um cosmos. Seja qual for seu tamanho ou formato, ela será uma parte do inconsciente que, para muitos, pode remeter a ideia de proteção, acalento um lugar para abrigar-se dos mais confusos estados de espírito. Indo mais além do sentido da casa, podemos resgatar na memória situações, gestos, objetos, cheiros, que compõem uma noção mais específica e particular da "casa" de cada um. Acabamos criando muitos artifícios para acalantar-nos do dia a dia conturbado. O instinto de autoproteção já é algo que naturalmente nos é favorecido/transmitido em nossa espécie. Me aproprio dessas bagagens afetivas para compor a poética visual do meu fazer artístico.



(figura I - Antônio Dias, *Anywhere is my Land*. acrílica sobre tela. 130 cm x 195 cm. 1968)

Anywhere is My Land (figura I) é uma obra do artista paraibano Antônio Dias, que faz parte de uma série de dez telas inspiradas em um poema de Lewis Carroll intitulado "The Bellman's Map"¹ (1876).

A pintura feita em 1968 feita com tinta acrílica, possui 130 cm x 195 cm de dimensão, composta de um fundo negro, com uma

1 "He had bought a large map representing the sea, /Without the least vestige of land:/And

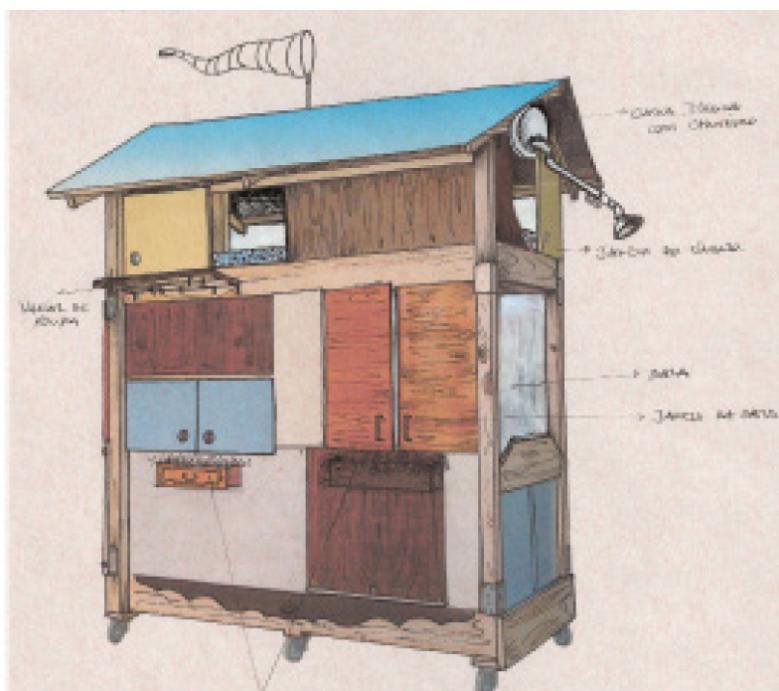
the crew were much pleased when they found it to be/A map they could all understand./ What's the good of Mercator's North Poles and Equators, Tropics, Zones, and Meridian Lines/ So the Bellman would cry: and the crew would reply/They are merely conventional signs! Other maps are such shapes, with their islands and

marcação quadriculada em branco e pingos distribuídos pela tela da mesma cor. Acima, do lado esquerdo, está escrita a frase "qualquer lugar é a minha terra". Pude ter o contato com este trabalho na 10ª Bienal do Mercosul, em que ficava exposta na parede em uma sala do Museu de Arte do Rio Grande do Sul no ano de 2015. A imagem remete a um mapa celestial, e ao refletir sobre a frase escrita que dá nome ao trabalho, me surgiram questionamentos internos.

O que é estar em casa? O que te faz sentir em casa? Qual o seu lugar no mundo?

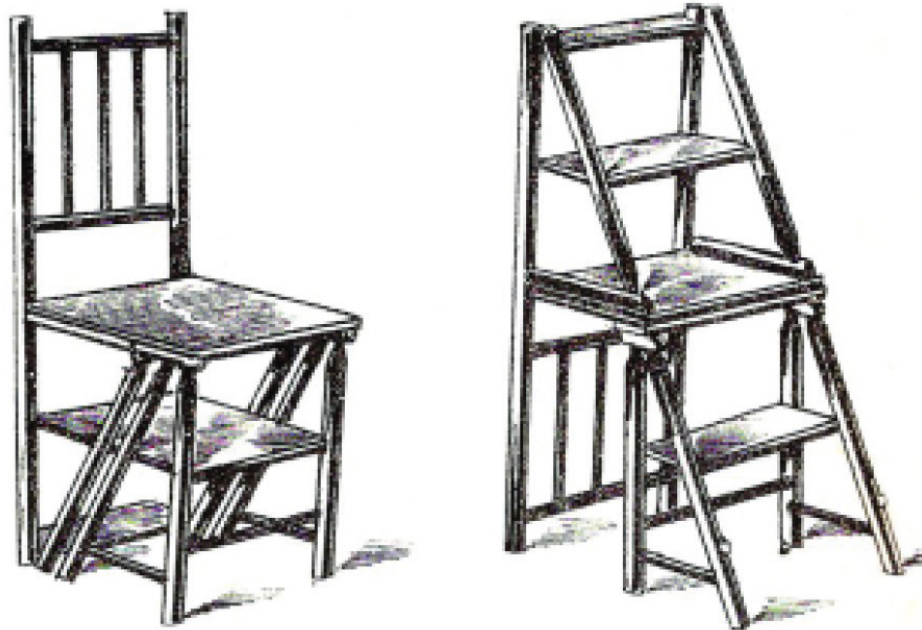
capes! But we've got our brave Captain to thank: So the crew would protest) "that he's bought us the best – A perfect and absolute blank!"

Seriam respostas simples se estivéssemos associando a palavra "casa" a um ambiente construído talvez de concreto, madeira ou qualquer outro material que envolve uma moradia convencional. A palavra "casa" já foi utilizada para designar apenas moradas de boa qualidade. Com o passar do tempo, no entanto, ela passou a ser usada para residências térreas. O sentido de morada/moradia que podem ser referenciados na mitologia grega em que o próprio céu é considerado um lugar em que se residiam os deuses. A noção do significado de "casa" num sentido mais amplo e metafórico, acompanha a complexidade dos nossos sentidos e necessidades, assim como aos objetos que fazem parte dela.



(figura II - Helene Sacco, *Casa-movente*. Aquarela sobre papel. 2013)

Objeto de observação e tempo.



(figura III - Helene Sacco, *Objeto de observação e tempo*. Nanquim sobre papel. 2013)

Para a artista e pesquisadora, Helene Sacco, “não há artistas que não falem de algum lugar, um lugar especial, o ponto de origem nas suas perspectivas”. Tais lugares são construídos a partir de lembranças, experiências, encontros expandindo o sentido e modos de “morar”, de “habitar”, de inventar o mundo partindo de conceitos da filosofia e da arquitetura para compor um desdobramento poético. Em seu trabalho e objeto de estudo da sua dissertação de mestrado, *Casa-movente* (figura II), a artista compreende os conceitos entre a dicotomia do ser nômade e do ser sedentário, diferentes modos


de habitar, desenvolvendo uma potencialidade “estética-constructiva”. Deste modo propõe novos modos de construir e inventar o mundo, partindo de reflexões sobre “o viver, o morar, o de-morar-se e o mover-se”. Em sua pesquisa de doutorado, ela dá continuidade na investigação de um “Lugar inventado”, “objetos-lugares”, “objetocoisa” (figura III) partindo com conceito de (re)fábrica como um dispositivo ficcional, que trabalha a “materialidade e significado das coisas, operando-as, transformando-as e, por isso, atuando sobre elas”.

Aqui, será estabelecida uma investigação

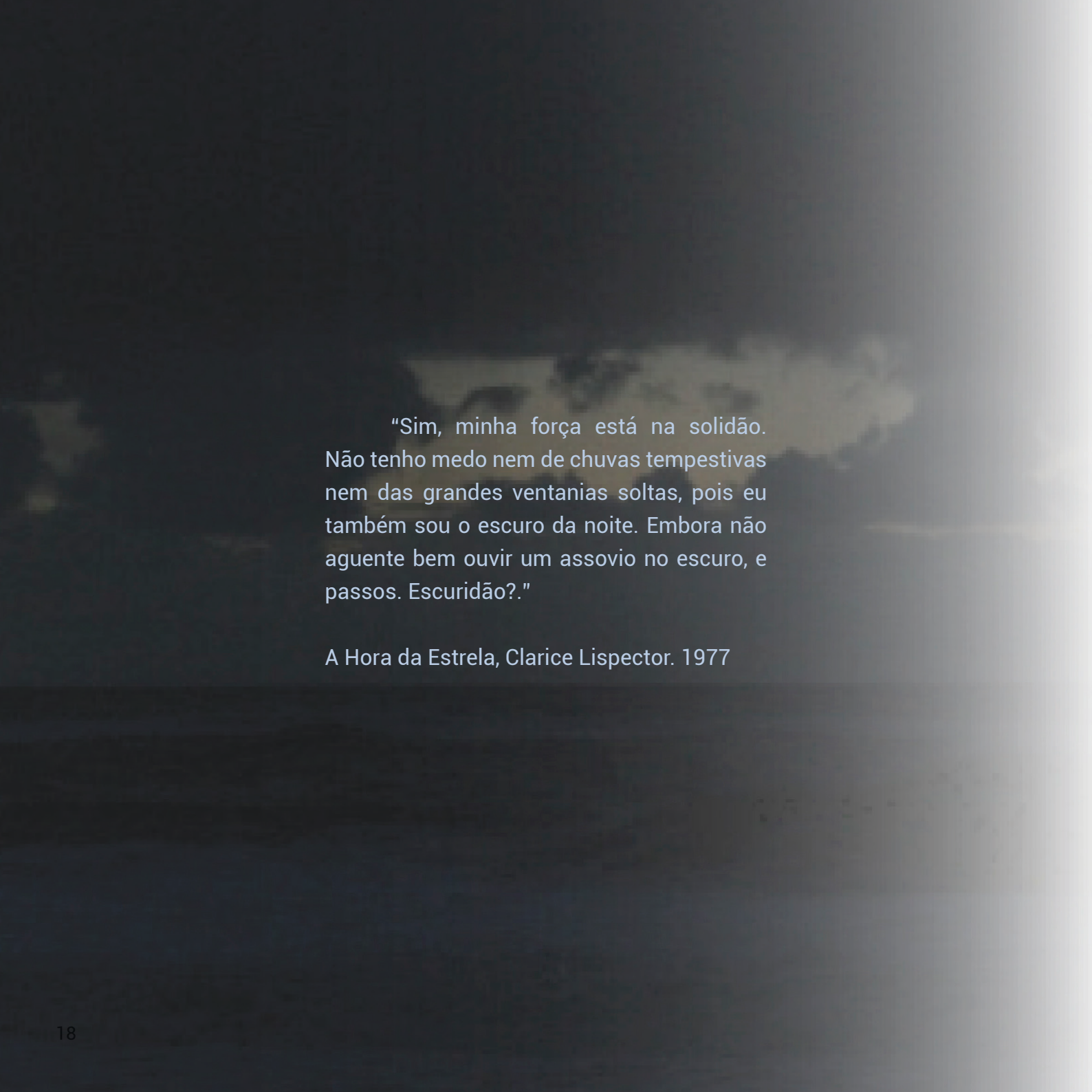
sobre um lugar no qual os afetos poderiam habitar, um lugar construído por/pelos afetos, em uma espécie de texto-lugar , no qual reuni alguns trabalhos desenvolvidos a partir da coleção de objetos e matérias orgânicas que recolho pelas minhas viagens, passeios, e percurso diário. Estes objetos irão fazer parte de uma narrativa visual associadas às recordações, pessoas do meu círculo familiar mais próximo, como figuras alegóricas que compõem a construção de um novo lugar.

Convido aos que interessarem a uma reflexão mais desprendida do conceito convencional da palavra "casa", para uma perspectiva pessoal e onírica. Um conjunto afetivo/sinestésico que irá combinar diferentes linguagens tal como a criação de imagens produzidas com a técnica mista, das quais se mesclam a técnica assemblage, de aquarela, de bordado, de desenho, de gravura em metal e objetos inventados que conjugam a técnica de cerâmica com escultura. Tais representações são fragmentos da memória, que narram a construção de novos e "lugares". Um resgate de memórias da minha infância, que se misturam com a fantasia ou se complementam com imagens em preto e branco de registros fotográficos guardados no armário da casa de minha avó materna, junto ao conjunto de porcelana.

Sintam-se em Casa!



a chuva respinga
pela janela aberta, ar
um arrepio frio



"Sim, minha força está na solidão.
Não tenho medo nem de chuvas tempestivas
nem das grandes ventanias soltas, pois eu
também sou o escuro da noite. Embora não
aguento bem ouvir um assovio no escuro, e
passos. Escuridão?"

A Hora da Estrela, Clarice Lispector. 1977

contos sobre o escuro

(medo, introspecção, ansiedade, isolamento, proteção)

Se as sombras falassem, elas provavelmente fariam baixo e se ouviria um ecoar das palavras pelos arredores. Ali, sentada sobre uma poltrona que ficava ao lado de uma estante, a Noite Fria contava suas histórias em breves cartas de uma época em que ainda era Dia Quente. Escondia-se de seus próprios pensamentos sobre uma densa neblina. Sua rotina era inquebrável com o passar dos anos. Despertava antes que a luz alcançasse seus olhos e banhava-se no escuro. Seus passos eram silenciosos – um sussurro – assim como seu choro. Passavam-se as horas, verões e invernos e o único som que se ouvia era do abanar do vento.

Poucas vezes observava o Tempo visto da janela, mas sabia pelo cheiro que entrava pelas frestas da casa se iria chover ou se faria

muito sol. Embalava-se com cantigas antigas com os olhos fechados, pois assim acreditava que nada de mal poderia lhe acontecer. Fechava os olhos para tudo aquilo que lhe dava medo. Dentro da caverna ela se sentia mais protegida, pois aos sair dela, tinha medo de encontrar alguém que não entendesse seu ponto de vista. Não se sabe ao certo quando foi que se esqueceu de sonhar, pois o Tempo havia feito em seu peito um grande emaranhado de linhas. Nós tão apertados que chegavam a fazer um abrigo para seu coração. Assim, não sofria tanto com as mudanças bruscas de temperaturas. O Tempo já não lhe fazia perguntas, só ressoava seus minutos como normalmente. Silêncio! Ela dizia! Mas ele sempre passava correndo com os ponteiros ordenados. Talvez os dois conversassem sobre velhas lembranças, mas de fato nunca saberei ao certo o que passava em sua mente.

Normalmente, quando se é criança, há um grande receio sobre o escuro. Para algumas pessoas, não conseguir observar aquilo que a rodeia se assemelha ao desconhecido, ocasionando medo/preocupação. Lugares com pouca luz, ou até mesmo a noite são ambientes relacionados às histórias de terror ou algum conto assustador. Minha perspectiva sobre o escuro permeia o medo, mas também traz uma tranquilidade. E com ele, há um encontro com minhas lembranças e relação com a minha avó paterna. Ariana, de origem germânica, sua relação de afetividade se mostrava sempre muito distante. Poucas vezes a encontrei sorrindo. Uma vida muito sofrida de pesos nas costas, pois teve que trabalhar fora e com o pouco que ganhava sustentava a família. Quando eu ainda era criança, minha mãe me deixava aos seus cuidados para trabalhar. Ao notar que eu ficava em prantos, minha avó acendia palitos de fósforos. Astuciosa, acendia todos os palitos de caixas e mais caixas para poder me entreter e com isso cessar o choro. Talvez isso explique meu encanto com luzes coloridas ou o fogo, mas essa é uma lembrança muito vaga na minha memória. Esse fragmento é tão efêmero quanto o fogo aceso no palito.

"um sopro no escuro", 2017. Assamblage sobre papel. (29,3 cm x 29 cm)



O fogo é um elemento com uma força antagônica transformadora, regeneradora, ao mesmo tempo devastadora. Simbolicamente, ele representa um conjunto complexo de significados, tais como a vida e a morte, movimento, purificação e cura. Elemento vital que permitiu a evolução contínua do ser humano, ele também é usado em rituais de diversas culturas com propriedades distintas, mas de imprescindível importância.

Na passagem do livro de Clarissa Pinkola Estés, *Mulheres que Correm com os Lobos*, a autora relata a história de um conto russo "Vasalisa", cujo tema principal é a descoberta do amor, do lar e o encontro com a natureza da morte. Na história, o fogo é o elemento que desperta a clarividência da personagem principal. Ele aquecia a casa, mas quem o mantinha aceso era Vasalisa, que fazia todas as tarefas domésticas e doava-se totalmente para satisfazer a vontade da madrasta e suas filhas. Elas acabam por sugar sua força psíquica de tal modo que deixam o fogo apagar, deixando a casa completamente às escuras. Com isso a personagem é obrigada a sair em busca desse elemento entrando floresta adentro. O fogo permite que ela entre em contato com sábios conhecimentos internos ancestrais.

Neste conto há uma série de elementos que simbolizam a intuição da psique da mulher. A representação da casa é um desses elementos. A casa de Baba Yaga é feita por uma descrição tão estranha quanto a da própria dona.

"Ela ficava em cima de enormes pernas de galinha, amarelas e escamosas, e andava de um lado para o outro sozinha. Ela às vezes girava e girava como uma bailarina em transe. As cavilhas nas portas e janelas eram feitas de dedos humanos, das mãos e dos pés e a tranca da porta da frente era um focinho com muitos dentes pontiagudos."

(ESTÉS. 2014, pg. 94)

A personagem vai a procura do fogo no escuro da noite, como a própria autora denomina uma das tarefas designadas à Vasalisa, seria de "navegar nas trevas". Ao chegar em frente a casa tão peculiar de Baba Yaga fica em dúvida se ali encontraria o que necessitava, pois afinal era a tal feiticeira quem iria poder ajudar com os seus problemas, aparentemente tão simples. A casa ali representa a mãe selvagem, a ancestralidade, o despertar da intuição.

A casa carrega um sentido primordial de proteção. Mesmo quem não tem acesso a essa "experiência", a casa envolve um pensamento de abrigo, seja ele um pedaço de um material ou objeto que cubra o corpo das intempéries climáticas, vento, frio, calor, até relações interpessoais. Quando há conflitos no âmbito interno da casa, e conseqüentemente a fuga desse espaço, se torna necessário para a própria segurança do indivíduo, a busca pelo bem estar e um sentido de sobrevivência ao ponto de achar um novo abrigo. Algo que substitua o aspecto formal da casa e passe ao sentido mais essencial de seu significado.

No conto, "A Pequena Vendedora de Fósforos", Hans Christian Andersen narra a triste história de uma pequena menina que sai em uma noite muito fria para vender fósforos. Diante de uma situação miserável, obrigada pelo pai a trabalhar, sabendo que seria exposta a violência física e psicológica, se percebe num caso de sobrevivência. Na última noite do ano, ela sai para vender fósforos. O tempo ia passando e ninguém parava para ajudá-la, muito menos para comprar sua mercadoria. A menina observava pessoas em seus lares da rua e aquecidas e projetava-se nessas cenas familiares onde aparentemente os problemas não eram tão sofridos. Nessa tentativa tão árdua de enfrentar o frio e sem conseguir vender os palitos ela encontra um pequeno canto a fim de abrigar-se do frio, pois além de suas roupas não serem suficiente para mantê-la aquecida ela havia perdido o calçado. O frio açoitava seu corpo, atormentada, ela observa as caixas de fósforos e acendeu um palito na tentativa de se aquecer. Ao observar o fogo ela começa a ter algumas visões de como seria uma vida poderia ser diferente, mais alegre, com menos dificuldades financeiras e farta de calor, carinho e comida. Quando o fogo cessava a ponto de queimar seus dedos, ela voltava a sua triste realidade. Sendo assim, ela começou a acender todos os palitos que havia dentro das caixas em sequência, para que continuasse a ver aquelas imagens agradáveis. Em uma dessas visões, já prestes a acabar com os palitos, a menina enxergava-se em uma noite quente de verão em que o céu estava radiante, coberto por estrelas. Enquanto contemplava o céu, uma estrela cadente cruza

seu olhar e imediatamente lembra-se de sua avó, cuja imagem materializa-se com o fogo e para não perder de vista ela acende até o último palito. Na manhã seguinte a menina encolhida nem naquele pequeno espaço que conseguiu achar para se abrigar nem os palitos foram suficientes para poder aquecê-la e sobreviver àquela fria noite.

Nesse conto, o fogo não foi suficiente para manter a menina aquecida do rigoroso inverno, mas ele representa uma forma de redenção, que transpassa a triste realidade da personagem para um possível encontro com seus sonhos. O abrigo que ela encontrou além da marquise, foram às lembranças e visões que teve de sua avó, eles fogem da ideia de casa tradicional, como um lar, em que a família é estruturada. O medo de encarar a figura paterna foi maior que o intenso frio que acaba por levá-la a uma morte delirante.

Em ambos os contos, o afeto por pessoas queridas consegue guiá-las para um caminho melhor do que elas estavam vivendo, seja pelo tomar de uma consciência para a vida ou pela aceitação da morte. As personagens são obrigadas a saírem de suas próprias casas, enfrentar seus medos e incertezas do mundo. O sentido da casa que elas abandonam é muito pesado, pois é associado a é através do fogo que elas encontram uma maneira para dissolver seus problemas. O afeto retoma a ideia do abrigo que a casa teria, podendo protegê-las desses desafios. A luz da chama do fogo é quase uma conexão interior, um esclarecimento dos medos e inseguranças.

"Contém Afetos" é um conjunto de duas caixas de fósforos que possuem uma ampla reflexão sobre os processos internos, como o sentido de pertencimento no mundo e memórias. A partir da utilização dos signos da casa e da criança inscritos em um fragmento celeste, criam-se metáforas visuais para o significado de "casa". Estes pequenos portais envolvem alegorias da "casa", um espaço habitado por uma pessoa, seja ele um espaço fictício ou real. O universo apesar de circunscrito, permite ampliar e projetar a mente em um novo lugar. A caixa do lado esquerdo contém um conjunto de palitos de fósforos queimados que, alinhados, formam uma fachada de casa e ao centro há um recorte quadrado remetendo a uma janela. Nela projetam-se memórias efêmeras, tal como o fogo aceso no palito. O encanto pela chama fazia-me esquecer o motivo da minha tristeza por alguns instantes.



"contém afetos", 2017. Técnica mista. (tamanho variável - 10 cm x 4 cm x 1,5 cm)



A casa não é uma construção fechada, permitindo um olhar fluído através de sua janela para o céu, onde o interior e o exterior misturam-se. A caixa do lado direito contém uma representação de uma criança em cerâmica, feita com terracota, que se encontra em uma posição fetal. O útero como nossa primeira casa, um universo em que tudo o que o feto necessita está ligado diretamente à mãe. Tudo é compartilhado de maneira simbiótica. Mais tarde, passamos a acreditar que o corpo não é mais a nossa casa e começamos a buscar outros lugares para habitarmos. Mesmo para quem nunca teve uma morada convencional, a casa envolve um pensamento de abrigo, de proteção, seja ele um pedaço de um material ou objeto que cubra o corpo das intempéries climáticas, vento, frio, calor, até relações interpessoais. Instintivamente, buscamos um lugar que nos proporcione o bem estar e o acolhimento; algo que substitua o aspecto formal e físico da casa e libere o sentido mais essencial de seu significado. Sentir-se em casa é um estado raro, pois isso só ocorre quando somos acolhidos nos espaços que frequentamos. A produção desse espaço fica aberta ao espectador/observador pois essa construção do universo onírico da casa é uma noção particular e íntima de cada indivíduo.



*Um sachê possui uma dose altamente concentrada de "chá de tempestade".
O uso contínuo e não moderado deste composto pode causar um efeito de pânico, medo e/ou ansiedade.*



*O açúcar pode amenizar os efeitos da "tempestade em copo d'água" se acrescentado juntamente ao chá.
Seu uso é recomendado em casos extremos de caos ou choque, pois possui um efeito de ativar a serotonina.*



A tempestade em copo d'água pode ser variada. Suas intensidades podem variar de acordo com a interpretação alheia, podendo até se transformar em algo catastrófico se não for dada a devida atenção.

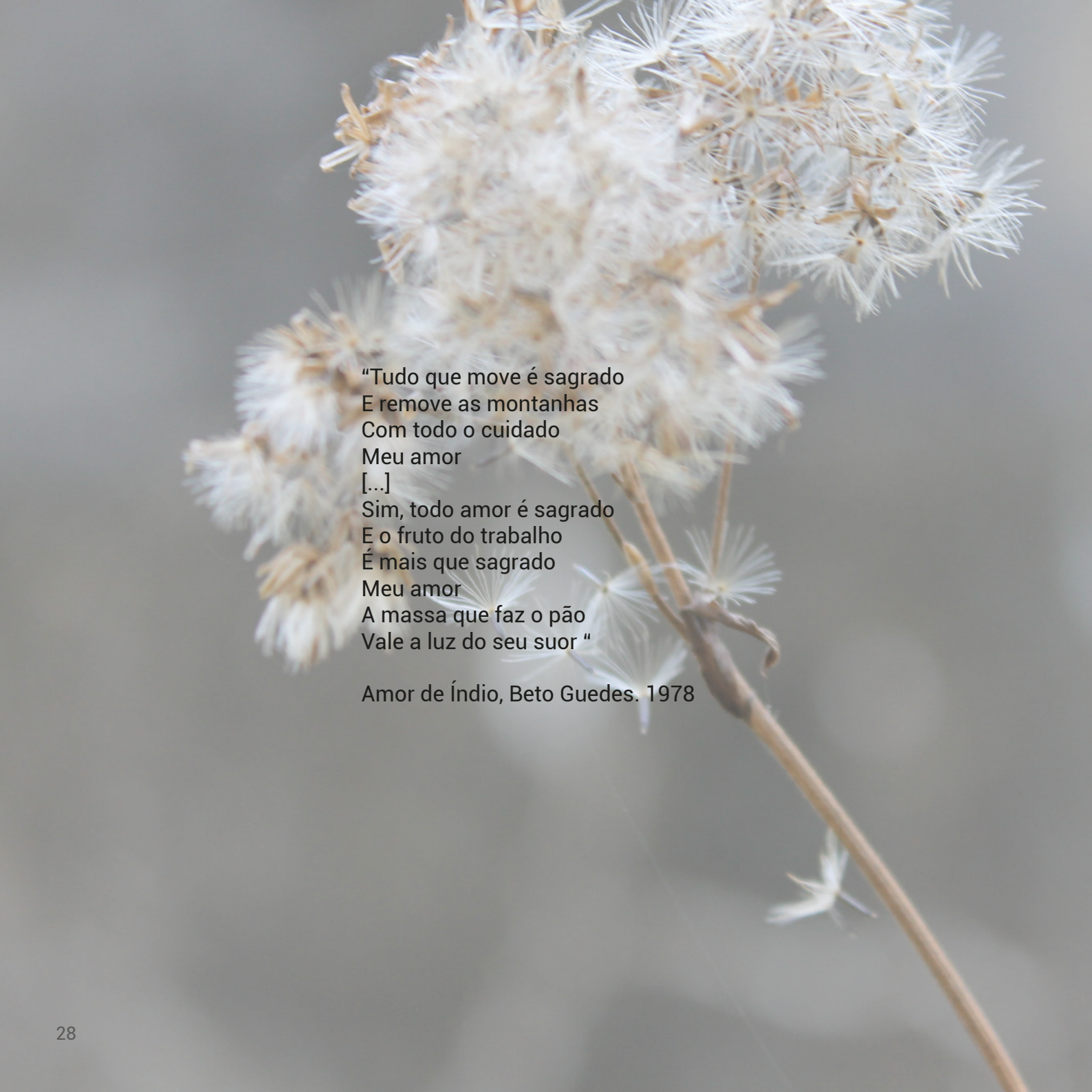
TEMPESTADE

em copo d'água com açúcar

Um fenômeno popularmente conhecido é a "tempestade em copo d'água". Normalmente denomina-se "tempestade em copo d'água" alguma preocupação em excesso ou transtorno de uma pessoa. O acontecimento é visto e/ou julgado por alguém de fora por ser algo irrelevante ou de pequena importância.

Não se sabe ao certo sobre sua origem, pois muitos podem ser os agentes causadores desse tipo de tempestade. Estar em uma tempestade pode ser motivo de grande pânico, pois não se sabe exatamente quanto tempo ela durará, muito menos sua intensidade. A sensação pode ser tanto psicológica como também corporal. Dentre elas pode sentir um contraste grande de temperatura, falta de ar, uma reação de perplexidade, medo, insegurança, desgaste emocional.

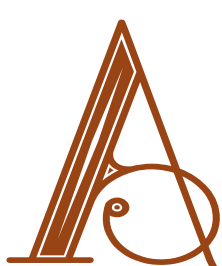
Depois de qualquer desastre natural, neste caso, psicológico, é necessário olhar com calma para cada rastro do caos ali instaurado e propor uma tentativa de reorganização antes dela sofrer com essas interferências, pois em alguns casos específicos, há uma grande mudança interna. Porém cada caso é único e diferem em seus modos de recuperação.



"Tudo que move é sagrado
E remove as montanhas
Com todo o cuidado
Meu amor
[...]
Sim, todo amor é sagrado
E o fruto do trabalho
É mais que sagrado
Meu amor
A massa que faz o pão
Vale a luz do seu suor "

Amor de Índio, Beto Guedes. 1978

contos sobre as sementes
(rituais, compartilhamento e acolhimento)

manhecia e o orvalho da noite umedecia sua superfície. Trabalhava logo cedo, pois todos dependiam dela para germinar. Moldava e criava caminhos, estruturando desde as pequenas sementes até as mais profundas raízes. Sua vontade era de carregar o mundo nas costas, mas dependia de outros elementos para manter tudo no lugar e em perfeita harmonia. Mente fértil onde depois da chuva, tudo brotava. Cantava quando fazia mal tempo. Dançava como forma de agradecimento, por cada ciclo que se fechava e recomeçava, em que transformava a matéria que estava em decomposição novamente em vida. Era fluente como a água e firme como a terra. Toda sua força vinha da ancestralidade selvagem, intuitiva, pois caminhava olhando o horizonte e visualizava um futuro melhor. Nem chegava a evocar pensamentos subterrâneos para não acordar os seres que habitavam uma lama pantanosa.

Estar em contato com a terra é algo primordial e ancestral. Andar de pés descalços, sentir a terra e fazer dela uma matéria prima para a criatividade já é algo inato no ser humano. Encontramos o uso dessa matéria nos povos pré-históricos desde pinturas corporais, utensílios até as próprias moradias. Sentir sua superfície e por ela caminhar já não era um hábito recorrente para muitas pessoas.

Na natureza as representações de “casa” se apresentam de maneiras distintas e amplas. A relação com a “casa” também se dá de acordo com a necessidade de cada ser vivo, seja pelo seu habitat, ou pela suas capacidades de se adaptar às mudanças climáticas ou geográficas de um determinado ambiente. Esses “espaços” se dão desde uma construção feita a partir de elementos já existentes na natureza, de apropriação de outros espaços fortificados, como também a própria fisionomia corporal individualizada desses seres que lhes proporciona um conceito próprio de “casa”, num sentido mais amplo da palavra e permeando com a característica que proporciona “proteção”.



I.

I. “concha de aproximação”

lugar onde fora casa agora habitam sons da memória de um oceano ou mar.



II.

II. “coração aninhado”

lugar onde se habitam os mais profundos afetos, desde seu primeiro estágio até a eclosão chegar ao amadurecimento emocional para tornarem-se ações concretas.

"A casa-ninho nunca é nova. Poder-se-ia dizer, de uma maneira pedante que ela é o lugar natural da função de habitar. A ela se volta, ou sonha voltar, como o pássaro volta ao ninho [...]" (BACHELARD. 1993, pg. 262)

Bachelard discorre sobre o acolhimento do abrigo, "casa-ninho", só faz sentido se envolver as experiências com as pessoas do meu afeto. Principalmente as relações entre as mulheres da família, em que desde muito cedo demonstram muita paciência em compartilhar conhecimentos e incentivaram a buscá-lo para que um dia pudéssemos enfrentar o mundo fora desse espaço que aparentemente simples em aspectos físicos, mas complexo quando envolviam as relações interpessoais. Para refletir melhor sobre esse processo da casa e o enfrentamento com o mundo, penso que o processo de metamorfose de uma borboleta/mariposa é o que mais se aproxima uma metáfora visual.

"casas" é um conjunto de pequenas gravuras que remete aos abrigos naturais, a concha, o ninho mas que também é uma representação de um coração anatômico. A partir destas imagens traço uma reflexão sobre a rigidez e a maleabilidade em relação aos afetos, pois cada um destes espaços pode abrigar qualquer ser, ou sentimento inanimado e guardá-los consigo,

"O ninho, como toda imagem de descanso, de tranquilidade, associa-se imediatamente à imagem da casa simples"

(BACHELARD. 1993, pg. 261)

O casco, o casulo, a colmeia, a concha, o ninho, a teia, a toca, entre outros, são algumas configurações/modos de tipos de "casa" que possuem a finalidade de abrigo, de proteção que ampliam as perspectivas de percepção e discussões sobre o sentido de pertencimento do mundo. Para mamíferos, o útero é nossa primeira casa. O contato direto com o feto e a mãe é simbiótico, pois a "casa", abrigo, invólucro, determina na formação e desenvolvimento de um ser, depende de outro que já possui um corpo mais desenvolvido para poder proporcionar esta metamorfose.

Se cada um fosse descrever pela memória as lembranças que guardam de suas casas, provavelmente, além de descrever seu espaço físico, pensaríamos também em lembranças que envolvem os outros sentidos como o olfato, o tato e o paladar, assim como a relação afetiva com objetos e pessoas.

"A casa da lembrança se torna psicologicamente mais complexa, mas além de lembranças, a casa natal está fisicamente inscrita em nós – ela é um grupo de hábitos orgânicos"

(BACHELARD. 1993, pg. 206)

A Casa da minha infância foi a mesma onde morei a maior parte da vida era simples. Carinhosamente a chamamos de "Casinha 4", pois era pequena, um tamanho apropriado para uma família de poucos membros, mas não para uma família grande como a minha. Nos mudamos para ela quando completei um ano de idade, minha irmã mais velha já tinha três anos. A família foi crescendo, três invernos depois nascia a terceira menina, três outonos mais tarde o primeiro menino e por fim, o último menino nasceu quatro verões depois. Entre o último irmão e eu já se contava uma década de diferença. Fomos crescendo nesse espaço de maneira muito livre, tendo cada um seus conflitos, mas sempre nos apoiando. Essa experiência molda nossa história de vida e proximidade. Por ser de madeira, a casa sempre teve cupim e com isso sempre

esteve em "reforma". Essa reforma se dava mais como uma nova maneira de reparar buracos mais do que grandes mudanças. As repartições, que acabavam sendo retiradas por estarem muito comprometidas, eram cortadas e com a parte que ainda dava pra ser usada, fazíamos prateleiras para reacomodar as coisas. As repartições internas eram feitas por cortinas ou alguns móveis que delimitavam os espaços, de maneira quase que imaginária. Cada um tinha uma pequena área que era determinada por nossas características e objetos sazonais, compartilhando o pouco que tínhamos aliados a uma grande criatividade e, aprendendo no dia a dia a respeitar as diferenças que cada um foi se moldando. Assim se criou uma natureza efêmera dos nossos espaços físicos, como também nossa capacidade de adaptação a pequenos espaços.



Seu tronco rústico e não tão largo sustentava uma copa estendida, com folhas delicadamente delineadas, que sob efeito da luz solar faziam camadas de diferentes tons de verde. Mesmo com sua superfície áspera, as folhas quando fervidas com água e açúcar adquiriam uma textura acetinada. O aroma exalado dessa infusão estendia-se por toda a casa. Uma mistura de terra molhada, com o frescor de frutas cítricas, adocicado e suave.



"Gotas Cristalizadas"
figs dried

"gotas cristalizadas", 2017. Aquarela sobre papel. (14,5 cm x 12 cm)

O hábito de sair pelos pontos mais altos da cidade e arredores para colher ramos dessas pequenas plumas amarelas foi cultivado desde cedo. Seu aroma é inconfundível, mesmo em meio a um ambiente aberto e normalmente é mais apreciado do que seu gosto.



“Nuvem Amarela”
achyrocline satureioides

“nuvem amarela”, 2017. Aquarela sobre papel. (14,5 cm x 12 cm)

No caminho havia uma parede imponente de plantas de diversas cores. Da alquimia de juntar planta com lama se descobria texturas e formas. De sua seiva bruta, espessa e sua cor intensa combinados a outros elementos se criava uma infinidade de possibilidades, como também a aproximação pela culinária, pois mesmo que não se ingerisse essa mistura, havia todo um cuidado em sua preparação.



"Primavera Macerada"
hibiscus rosa-sinensis

"primavera macerada", 2017. Aquarela sobre papel. (14,5 cm x 12 cm)

Não havia mal que não se curasse com o chá e aroma dessa planta. Quando criança tinha muita dificuldade para dormir. Os pesadelos eram frequentes, e ao deitar-se tinha medo de fechar os olhos. Para que seus sonhos pudessem tomar conta do seu descanso lhe foi presenteado um travesseiro de ervas. Embalada com o aroma, o pesar de adormecer ficava cada vez mais distante e seus sonhos predominavam.



"Sono Tranquillo"
matricaria chamomilla

"sono tranquillo", 2017. Aquarela sobre papel. (14,5 cm x 12 cm)

D	6	13	20	27
S	7	14	21	28
T	8	15	22	29
T	9	16	23	30
O	10	17	24	
O	11	18	25	
S	12	19	26	

Fazer os biscoitos e passar
no açúcar cristal.

SET
87SET
87

1 col. (sopa) de sal -
baunilha - sal -
1/2 kg de trigo
Amassos tudo
fazer ligada, s/ f
Estender c/ o
c/ leite, pulverizar
col. cortar c/ a
arradeira f/

11. Biscoitos de nata it
1 copo de nata - sal -
1/2 lb. de ~~amarelo~~ farinha
2 col. de açúcar - 1 xíc de
maizena - trigo que di f/
enrolar.

12. Seguielhos de leite
300 grs de trigo - 150 de man
teiga - 2 col. açúcar - 6 de leite
1 col. (solu mesé) fermento.
Passa no açúcar cristal
Forno brando.

15. Biscoitos o
10 col. de leite
250 grs de ~~trigo~~

SET

87 250 de ~~manteiga~~
Bater bem a r
ati clara. Junta
Acrescentar a m
batendo ati f/ o
trigo e amassar
enrolar. Forma

13. Biscoitos de limão (só claras)
3 claras em neve - 3 xíc. (rasas)
de açúcar - ~~sopa~~ de limão
^{colher (sopa)} amarelo - polvilho que di
f/ o amassar.

14. Biscoito Champanha
3 ovos batidos como para f/ o
2 xíc. de açúcar - 1 1/2 col. de farinha

16. Rosca
1 kg de trigo -
2 ovos - 2 col. man

S	6	13	20	27
T	7	14	21	28
Q	8	15	22	29
Q	9	16	23	30
S	10	17	24	
S	11	18	25	
S	12	19	26	

Sábado

5

Semana

amoniões em jo
 1/2 copo de leite
 a ste e a massa
 grudar.
 rolos. Passar gome
 ar e/ açúcares cis-
 carretilha.
 lverizão de e/ tipo
 to Orfanato
 - 10 col. de açúcar
 400 de massena

D	6	13	20	27
S	7	14	21	28
T	8	15	22	29
Q	9	16	23	30
Q	10	17	24	
S	11	18	25	
S	12	19	26	

Domingo

6

baunilha
 mant. e/ açúcar
 o leite e batido.
 urena, a baunilha,
 macio. Puntar o
 ste o ponto de
 untada.

1/2 pires de açúcar
 tuga - sal - 1/2 col.

A memória olfativa transporta-me instantaneamente a lembrança da casa, moldando também estados emocionais. A sala e a cozinha, por serem um lugar de compartilhamento, eram as áreas que mais nos reuníamos. O carinho pelo alimento produzido e depois compartilhado. A simplicidade dos preparativos de um biscoito amanteigado. O cheiro de café passado no meio da manhã e no final da tarde de chá. A sensação de segurar a xícara com o chá quente e aproximá-la do rosto nos dias mais frios do inverno. A refeição se tornava um ritual, um envolvimento energético e sensorial.

No livro de receitas da minha avó materna (figura IV) continham receitas de todos os tipos, escritas à mão. As medidas de cada ingrediente eram intuitivas, "a gosto" do que era gostoso em sua percepção. Tudo fugia da regra. Se eram duas xícaras na receita original, ela colocava uma a menos e assim para cada uma das instruções. Apitada, um punhado, um bocado, a receita passava a ter as medidas de cada pessoa. Observar era a melhor maneira de aprender qualquer afazer ou ofício. Assim foi o processo com a cerâmica e com a aquarela, técnicas que minha mãe desenvolvia durante a minha gestação e que me foi compartilhada pela convivência do observar para construir minha própria linguagem, que também compreendem a minha experiência de percepção do mundo. Estas experiências de convívio foram moldando meus aprendizados partindo desse espaço da casa.

"A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre o homem e espaço, nada mais é do que habitar pensando de maneira essencial."
 (HEINDEGGER. 1954 - 2002, pg.08)

Construir um lugar que me transporta ao conforto da casa também passa pela relação com o alimento. O gosto, a textura e o cheiro de cada refeição conseguem me transportar imediatamente ao conforto da minha memória de casa. Assim como as brigadeiras da infância com minhas irmãs onde planejar casas era mais divertido do que brincar nelas.

“Os sonhos não tem comportamento. Sempre havia de existir nos sonhos daquele menino o primitivo do seu existir.

— E as imagens que ele organizava com o auxílio das palavras eram concretas.

Ele até chegou a pegar na crina do vento.

Era Sonho?”

Manoel de Barros. 2010.

contos sobre o céu
(intuição, autoconhecimento, sonhos, intimidade)

Era preciso usar a linguagem de pássaros para chegar ao céu. Sublimava seus pensamentos pesados que lhe prendiam ao chão para permitir seguir aquela imensidão azul, soprava dias bons. Assim, ao fechar os olhos, sentia-se leve, desenhava-se voando não mais como formas feitas de nuvens, ou estrelas sobre seus tons multicoloridos, em que toda cor transparecia a mente.

Sentia-se em casa!

“Era uma casa muito engraçada” com poucas janelas das quais viam-se pequenos fragmentos do pátio com suas diversas árvores, cercada por prédios. Por essa característica, quase não dava para contemplar a paisagem celeste. Para conseguir tal façanha, subir no telhado era uma das melhores formas de observá-lo. Com o tempo, essa prática foi se

tornando mais minuciosa e, conseqüentemente, retratá-lo se tornou frequente, beirando a uma cartografia, um mapeamento de suas cores, suas formas e relacioná-las aos meus sentimentos mais íntimos.

O céu tem sido objeto de fascínio de navegadores, cientistas, poetas, artistas, entre outros curiosos desde os tempos remotos. Contemplá-lo pode ser considerada uma forma de perder-se, ou quem sabe, encontrar-se. A distância, fronteiras, ou preocupação dissolvem-se. Sua natureza efêmera, nos faz desfrutar do passar do tempo em um outro estado, sem a ansiedade de chegar a um lugar. Seu encanto e contrastes contemplam a todos que param para admirá-lo: o céu é para todos! É olhando para o céu que consigo alcançar uma aproximação maior comigo mesmo.

"tecendo senti-mantos", 2017. Assamblage sobre papel. (29,3 cm x 29 cm)





(figura V - John Constable, *A Cloud Study Sunset*. óleo sobre cartão - 15,2 cm x 24,1 cm - 1821)

De acordo com o filósofo francês, Gaston Bachelard, podemos encontrar diversos tipos de representação do céu e de seus tons pelas percepção de poetas, se associarmos elas aos quatro elementos fundamentais, água, fogo, terra e ar. Cada um deles seria uma forma diferente de contemplação celeste:

“Os que vêem no céu imóvel um líquido fluente, que se animam com a menor nuvem.

“Os que vivem o céu azul como uma chama intensa – o azul pungente [...]

Os que contemplam o céu como um azul consolidado, uma abóboda [...]

Finalmente, os que de fato participam da natureza aérea do azul celeste”

(BACHELARD. 2001, pg. 163)

O céu com suas características mutável, que possui uma característica imaterial. Ao aproximá-lo a uma ideia de refúgio, um teto sobre meus pensamentos, um abrigo - uma casa - a

própria “casa” ele passa a ser material, mesmo sendo um produto da imaginação provocado por uma experiência sensorial. Assim também aproximamos a um lugar imaterial do mundo das ideias e também dos sentimentos, da memória afetiva, algo mais íntimo e emocional.

A instabilidade atmosférica faz com que essas quatro instâncias descritas por Bachelard, se intercalem no pensamento sobre a paisagem celeste. Na história da arte, por exemplo, o pintor romântico inglês, John Constable (1776 - 1837), se torna uma referência essencial para o estudo meteorológico do céu através de suas pinturas, elaborando uma catalogação da paisagem celeste. O céu pictórico em seus trabalhos passa de simples fundos para se tornar o próprio objeto de estudo (figura V), com uma densidade material, através das cores e texturas, traduzindo “estados de espírito”.

A atmosfera celeste também me remete à esfera dos sonhos, que ao entrar em contato com o inconsciente, revela-se uma infinidade de signos. A realidade e a fantasia misturam-se de maneira indefinida. Os sonhos agora estavam contidos em pequenos compartimentos. Neles cabem um grande universo, mas estavam presos à realidade. Às vezes, quando se perde em suas memórias, traça caminhos cada vez mais distintos de suas origens. Essas lembranças diluem-se pela ficção, fugindo da memória original, de modo que o faz de conta "toma conta".

"A poesia em sua função maior nos faz reviver as situações de sonhos. A casa natal, mais que um protótipo de casa, é um corpo de sonhos."
(BACHELARD, pg. 208)

Costumo sonhar acordada tanto quanto sonho à noite, deles retiro um substrato imagético, a essência da matéria prima de alguns trabalhos que apresento nessa série. Dos quais a conexão com o mundo, o céu, o universo como a representação da casa em um sentido mais amplo. A imensidão do céu faz transgredir o olhar e voltar-se para si mesmo, como um reflexo em um espelho d'água (uma imagem instável), um portal para uma dimensão íntima, que tange a pontos de referência habitual à realidade, mas que se complexifica a cada passo.

"A imensidão é, poderíamos dizer, uma categoria

(figura VI - René Magritte, *La Victoire*. óleo sobre tela - 72,5 cm x 53,5 cm - 1939)

filosófica do devaneio. Sem dúvida, o devaneio se alimenta de espetáculos variados, mas por uma espécie de inclinação inata contempla a grandeza. E a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular, que o devaneio põe o sonhador fora do mundo mais próximo, diante de um mundo que traz a marca do infinito."
(BACHELARD. 2013, pg. 316)

Segundo Bachelard, a imensidão interior



é paradoxal, pois ao mesmo tempo que associamos a referências daquilo que nos rodeia, essa dimensão não deriva de convenções geográficas. Percebi, não muito tarde, que o lugar mais acolhedor para se contemplar o céu era do lado de dentro. Admirá-lo é uma forma de desconectar-se das euforias diárias, mas também é uma forma de conectar-se com laços emocionais, que mesmo distante em termos físicos, se fazem presente a todo momento.

“O azul do céu, assim sonhado, leva-nos ao coração



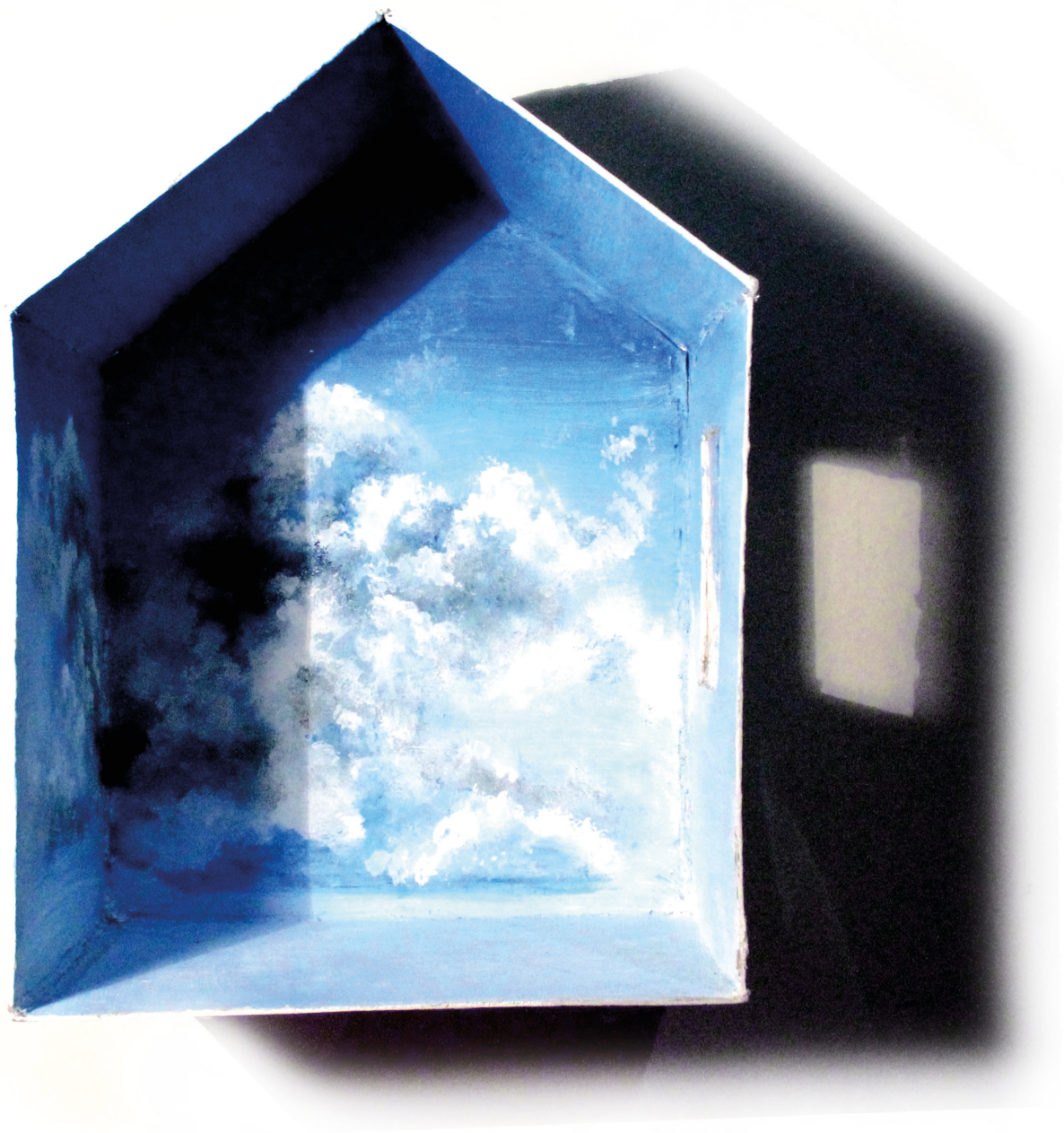
do elementar. Nenhuma substância da terra adquire tão imediatamente sua qualidade elementar como o céu azul.”
(BACHELARD. 2001, pg. 173)

Para além da representação do céu como paisagem pictórica formal, encontro nas imagens produzidas pelo artista belga René Magritte (1898 – 1967), metáforas picturais (figuras VI e VII), das quais utiliza constantemente a representação do céu, nuvens e outros corpos celestes como como um jogo com o pensamento do espectador/público.

O céu é um espaço imaterial, mas nas pinturas de Magritte acaba tomando

(figura VII- René Magritte, *L'embellie*. óleo sobre tela - 65 cm x 54 cm - 1939)

"horizonte", 2017. Escultura de papel. (28 cm x 18 cm x 12 cm)





"a medida", 2017. Escultura de papel e objeto de porcelana. (7,5 cm x 5,5 cm x 3 cm)

formas fechadas, criando novos lugares, uma nova realidade, criando uma dicotomia de limites. Ao utilizar uma linguagem que permeia o universo onírico, dentro do gênero surrealista, o artista permite uma reflexão maior sobre a representação de imagens. As imagens, aparentemente sem sentido, são um recurso de aproximação de duas realidades, podendo ser próximas ou distantes entre si.

Aos olhares despercebidos de nefelibatas² como eu, contemplar o céu é um refúgio, acalento para acalmar o ritmo acelerado do cotidiano. Existem expressões populares usadas para denominar pessoas que não se enquadram no âmbito da normalidade, termos que relacionam-se com os corpos celestes para designar características de pensamentos “fora da realidade” em que vivemos. Estar com “a cabeça nas nuvens”, no “mundo da lua”, “aluada”, são estados metafóricos atribuídos a pessoas distraídas ou até mesmo consideradas loucas. Associadas ao mesmo tipo de pensamento, existem outras expressões para designar essa mesma característica, que se relacionam com a estrutura terrena da casa: “Sair da casa”, ou pessoa que são “fora da casa” são mais alguns dos termos utilizado para denominar aqueles que não possuem um “juízo perfeito”. Essas expressões podem significar algum tipo de insulto, mas para mim este estado proporciona contato com uma outra possibilidade percepção do mundo.

² Pessoa que anda ou quem vive nas nuvens.



"presos à realidade", 2017. objeto de arame e papel. (8,5 cm x 7,5 cm x 2,5 cm)

"nefelibata", 2016. Bordado e aquarela probe tecido. (10 cm de diâmetro)





"borboletas no estômago", 2017. Assamblage sobre papel. (29,3 cm x 29 cm)



Parece ser inalcançável nossa relação com o céu e os corpos celestes, a tal ponto que desvinculamos nosso estado contemplativo à "realidade". Para um olhar lírico, o céu representa um lugar onde projetam-se estados de espírito, humor, sendo que sua observação pode representar uma forma de defesa psicológica. Para um olhar mais filosófico, as nuvens, por exemplo, podem ser consideradas a origem do pensamento. Pouco antes de completar seis anos de idade, houve minha a primeira tentativa de "sair de casa", uma fuga impulsionada pela minha irmã mais velha. Fizemos trouxas amarradas em um cabo de vassoura, que nela continha alguns pertences pessoais tal como víamos nos desenhos animados. Ironicamente, não chegamos a duas quadras de distância, pois nos assustamos com um homem que carregava uma grande sacola e voltamos correndo para casa. Quando tive realmente a necessidade de sair de casa, morar em um outro país, estar longe da família, amigos e tudo aquilo que eu conhecia, me causava muita angústia.

Em Portugal, onde fiz um intercâmbio por um período de dois anos, tive muita dificuldade em me adaptar, pois as ligações afetivas que eu tinha eram sempre muito presentes em termos físicos e com a distância isso foi se tornando um grande desafio, pois a necessidade de me relacionar com os espaços e as pessoas teriam de ser diferentes da minha zona de conforto. Logo, achar mais que um abrigo da saudade, foquei nas próprias memórias podendo reconstruir o meu sentido de "casa".

"O sonho é a cosmogonia de uma noite. Todas as noites o sonhador recomeça o mundo."
(BACHELARD.2001, pg. 201)

Com a distância, olhar para o horizonte de um céu colorido ou a melancolia de dias chuvosos, me transportava diretamente próximo daqueles que me eram tão presentes. Não mais com um sentimento de pesar ou daquela saudade que ardia o peito. O mesmo céu que eu observava abrigava todos meus sentimentos e me confortava, com seus diferentes e efêmeros desenhos. Nos sonhos, minha saudade também se manifestava, tanto que não sabia se as imagens produzidas já eram a própria realidade que tanto reinvento.

O céu remete ao elemento do ar, pensamentos-nuvens, que proporciona ao sonhador as um espaço de suspensão, um desprendimento da realidade.



"noite adentro", 2017. Técnica mista sobre papel. (42 cm x 16 cm x 5,5cm)

"laços", 2017. Aquarela sobre papel. Diprico. (18,5 cm de diâmetro)





Todo dia o sol levanta
E a gente canta
Ao sol de todo dia

Fim da tarde a terra cora
E a gente chora
Porque finda a tarde

Quando a noite a lua mansa
E a gente dança
Venerando a noite

Madrugada, um céu de estrelas
E a gente dorme
Sonhando com o dia

"Canto do Povo de Um Lugar",
Caetano Veloso. 1975.

Sentir em si a casa

As janelas eram seus olhos e as portas estavam em seu peito. Para entrar era preciso envolvimento, tempo para ser acolhido, mesmo não tendo tranca na fechadura da porta. Quem permanecia habitava em seus afetos mais íntimos. Ardente como o fogo em brasa, aqueciam a casa para se abrigar do frio nebuloso da realidade. Sua fachada era de madeira, e quando o vento batia se ouvia o ranger da estrutura. Quando chovia, havia goteiras internas para molhar as sementes plantadas de ideias. Suas fronteiras internas não tinham limites, cabiam todos os seres do mundo, mas sua memória era instantânea. Reter aquilo que mais lhe afetava, tanto para para as coisas de seu agrado, quanto pelos desafetos. Resistia aos invernos e verões e com o passar dos anos se mantia cada vez mais forte. Era sua própria casa.

Este “espaço-texto” buscou um lugar em que nos sentimos bem, que nos sentimos em casa, onde as recordações e a fantasia são fundações para a construção de espaços habitáveis, principalmente se nelas houver afeto.

“Nós não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que somos como aqueles que habitam.”

(HEIDEGGER, 2002. pg. 03)


Não é um lugar qualquer, nem lugar nenhum. Ele é um percurso sensorial que parte de uma habitação terrena, a casa da infância, onde nos refugiamos em busca de proteção daquilo que nos dá medo, de inseguranças, dos temporais climáticos e psicológicos. Num segundo momento, mais instintivo, aproximei as memórias da minha convivência familiar em que o compartilhamento de ideias e de experiências

também erguem "a casa". A partir deste momento, as memórias olfativas a memória dos objetos materializam as lembranças sobre a casa. Num terceiro momento, não necessariamente o final, a casa desprende-se do chão. Ela vai para a atmosfera dos sonhos, para o campo celeste chegando a um ponto em que possamos levar a casa para qualquer lugar. A casa passa de um sentido sedentário para um sentido nômade, assim como a artista pesquisadora, Helene Sacco, relata em seus trabalhos, que envolve a ideia da "casa movente" como também a invenção de novos lugares. "A casa em si" forma-se do conjunto cíclico dessas reflexões, de interpretações elementares fundamentos do fogo, da terra, da água e do ar.

Entendendo "a casa" pelos sentidos de proteção e acolhimento, percebemos que cada pessoa possuirá uma diferente configuração desse espaço. Na natureza podemos encontrar essas diferentes maneira mais marcante, pois cada ser vivo, dependendo de suas características e necessidades envolvem o sentido de abrigo de maneira a se adequar no espaço. pelo próprio habitat ou pelas matérias orgânicas oferecidas pelo ambiente. O significado da "casa" ainda contempla questões afetivas, sejam elas de relações interpessoais, com pessoas próximas. Um abrigo sentimental, intenso e efêmero tal como o céu. Esse dissolver da materialidade dos elementos, trazido pela sutileza dessas imagens e objetos compõem as narrativas visuais deste trabalho. A subversiva fuga do cotidiano, a

procura de um abrigo não somente externo, mas interno que se constrói diariamente. Neles podemos nos perder ou nos encontrar.

O espaço onírico me toma ao ponto que entender meus processos internos, assim como a noção de pertencimento e de acolhimento tão frágeis na nossa sociedade. A sutileza em dos elementos envolvem um devaneio de uma relação com o universo das imagens que traduzem meus sentimentos. A "casa da memória" é o lugar onde resguardo meus tesouros e o ponto de vista para a minha percepção do mundo, tendo como base o compartilhamento e trocas de experiências com as pessoas do meu afeto. Estas por sua vez "habitam-me" e me ajudam a construir o melhor de mim. No qual desfaço e reconstruo a todo momento, mas sempre mantendo os mesmo alicerces. Nela expandir meus "pensamentos-nuvens" que me transportam para qualquer lugar como a leveza de uma pluma.



um pássaro livre
de leve pouso imerso
sopra voa flutua

Referências

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. O Ar e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação do Movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. A Casa Subjetiva: matérias, afetos e espaços domésticos. Coleção estudos. Editora Perspectiva. São Paulo, 2008.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que Correm com os Lobos, mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. tradução de Waldéa Barcellos; 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

HAWKING, Stephen. O Universo Numa Casca de Noz. Tradução Ivo Korytowski. São Paulo: Mandarim, 2001.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar e pensar. In: Ensaio e conferências. tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

Dissertações e Teses:

SACCO, Helene Gomes. a (re)fábrica: um lugar inventado entre a objetualidade das coisas e a sutil materialidade do desenho e da palavra. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Porto Alegre, 2014.

_____. Casa–Movente [A]∞[: diário de construção. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes visuais (UFRGS). Porto Alegre, 2009.